Manaus no meu Tempo de Menina (Sebastiana Braga)

Nascida na praia da Piedade, em Recife, Pernambuco, vim ainda bem menina para Manaus na companhia dos meus pais, Maria Cândida Sampaio Pereira e João Luis dos Santos Pereira, para encontrar meu tio, maestro e desembargador Paulino José de Mello. Era comum os nordestinos, especialmente pernambucanos, paraibanos e cearenses, virem para Manaus, a cidade que anunciava progresso. Viemos para Manaus e ainda retornamos a Pernambuco, pouco tempo depois, mas em 1918 viemos para ficar definitivamente.

Em Pernambuco vi com olhos de crença, a festa de Nossa Senhora da Glória, que era sempre muito bonita. Na praia da Piedade corria muito na areia fofa, comia cocos e melancias, e de onde segui viagem para Manaus no vapor Bahia, do Lloyde Brasileiro.

Na capital amazonense, morando na rua do Barroso, bem em frente à Biblioteca Pública, tenho firme na lembrança todo aquele movimento que começou com os meus cinco anos de idade, construindo as minhas casas de papelão, as casas de brinquedo. As brincadeiras de roda no passeio de nossa casa, à noite, terminando com a compra de chocolates em forma de marinheiro e charuto no grande café *A Reforma*.

Ali estavam pertinho da gente, a papelaria Velho Lino e a família Barroso e a casa do seu Orestes que, aos domingos, convidava os vizinhos para ouvir as músicas do seu Gramofone, uma grande novidade para a época, e lá estava ele todo empertigado e sorridente por poder proporcionar distração aos seus amigos. Mas a nossa mãe tinha suas restrições. Os vizinhos mais próximos da rua Ramos Ferreira, foram Florzinha, Aída Mininéia, Dedé, Magui, ou aqueles que moravam na rua Tapajós, como o desembargador Sá Peixoto, dr Domingos Queiroz e dr. André Araújo.

Antes do jantar brincávamos de manja do esconde-esconde, correndo para a escadaria da rua Tapajós ou pela frente do Instituto Benjamin Constant, no fim da tarde, até seguirmos aos domingos para patinação na praça de São Sebastião. O jantar em casa de tio Paulino acomodava perto de trinta pessoas, e não faltava a caldeirada de peixe, prato sempre preferido por sua filha Branca Rosa. de Melo que era, ao mesmo tempo, uma devoradora de romances.

As mocinhas daquela época passeavam de braços dados na calçada, acima e abaixo, enquanto as meninas menores brincavam de roda e patins. Lá estavam as mocinhas Maria Rita, Alayde e Gasparina, que eram minhas irmãs mais velhas, ao lado de Brazia, Maria Sales de Figueiredo, Hebe e Carlota Queiroz e tantas outras. No outro grupo,

entre muitas, estavam Lioba, Branca, Inês, eu, Yara Sá Peixoto, Ariosto Rocha, Aluízio Sá Peixoto e o Joãozinho, um menino que tia Adelaide criava desde cedo.

Em tempo de novenas, lá estávamos todos com nossos pais para assistir na Igreja de São Sebastião. Eram novenas frequentadíssimas. Foi ali mesmo, em São Sebastião, que fizemos, como muitas meninas da época, a nossa primeira comunhão, eu e Gasparina, no dia de Corphus Cristis, em 31 de maio de 1923, com o frei Domingos, capuchinho dos mais queridos daqueles anos. Ali também fomos ver o presépio, como era hábito da visitação das crianças levadas pelos pais e tios mais velhos. Como muitas crianças daqueles anos aprendi as primeiras letras e noções da vida com minha mãe, inclusive a declamar, recitando os versos de Casimiro de Abreu.e depois fui ter aulas com a professora Beatriz.

A vida daqueles anos era muito simples. O leiteiro e o padeiro deixavam o que precisávamos, bem na porta de casa, cedinho; o vendedor de cascalhos gritava a nossa porta: *chora menino pro papai comprar o chegadinho*, guloseimas que se somavam às cocadas pretas, sempre muitos especiais, notadamente se feitas por minha prima Marieta.

Anos depois estava na Escola Normal onde convivi animadamente com Zima Gomes de Souza, Lise Borges de Sá, Léa Borges de Sá, Yara Sá Peixoto, Elza Sá Peixoto, Maria de Lourdes Magalhães, Elza Libório, Áurea Câmara, Marisa Durand, Esther Virgolino . Como professores, eram notáveis : Plácido Serrano, Sabas Telles, Vicente Telles, Arthur Reis e Marciano Armond, Felismino Soares, Adriano Jorge, Waldemar Pedrosa, Abílio Nery, maestro Franco e Mariano Lima. Foi ali na escola que me formei em 1932, seguindo logo para o exercício do magistério.

Manaus era ainda naqueles anos uma cidade pacata, muito bem arborizada, com bondes circulando e servindo aos encontros de namorados, sempre discretos, e vultos políticos que se impunham , uns pelo caráter, outros pela elegância e pose, outros ainda pela fidalguia. Havia figuras marcantes, como o dr Agenor Magalhães, médico conhecido, alvo, louro, de olhos azuis, Adriano Jorge, de olhar penetrante, sempre apressado e firme nos diagnósticos, frei José de Leonissa, sempre atencioso, e figuras singulares que conviveram na política, como o comandante Tirelli, Antônio Vasconcellos, Caetano de Andrade, Severiano Nunes, Stanislau Afonso, comandante Armando Pina e Ruy Araújo que se debatiam, de um lado e de outro ao tempo da implantação do trabalhismo no Amazonas, pelos primeiros anos da década de 1930, movimento do qual meu esposo, jornalista e líder sindical Lourenço da Silva Braga era um dos mais entusiastas defensores.

(*) Sebastiana Braga, 94 anos, é professora formada pela Escola Normal em 1932, em atividade, e presidente da Fundação Lourenço Braga.

Fotos: Álbum do Amazonas - Manáos 1901-1902 de F. A. Fidanza.

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura